

## Como Ler Weber em Português? Uma Proposta de Tradução Comparada das Obras *Sobre Algumas Categorias da Sociologia Compreensiva* (1913) e *Conceitos Sociológicos Fundamentais* (1921)

### How to Read Weber in Portuguese? A Comparative Translation Proposal of the Works *On Some Categories of Comprehensive Sociology* (1913) and *Fundamental Sociological Concepts* (1921)

\*Carlos Eduardo Sell<sup>1</sup> 

\*Bruna dos Santos Bolda<sup>2</sup> 

#### Resumo

Desde as primeiras publicações da *Max Weber-Gesamtausgabe*, a discussão sobre a tradução dos escritos de Weber adquiriu nova relevância: nos Estados Unidos, com Keith Tribe; na França, com Jean-Pierre Grossein; na Itália, com Michele Basso e Reinhard Schmidt; e no México, com Álvaro Laiz e Gill Villegas. Imbuídos pela mesma motivação de contribuir com o debate sobre as traduções do léxico weberiano no Brasil, propomos rediscutir a tradução canônica dos conceitos centrais de *Sobre algumas categorias da Sociologia Compreensiva* (texto publicado originalmente em 1913 e traduzido no Brasil por Augustin Wernet), à luz da análise comparativa com *Conceitos Sociológicos Fundamentais* (ensaio de 1921, tradução brasileira realizada por Regis e Karen Barbosa). Tendo em vista que o texto de 1921 é de uma versão aprimorada e atualizada, ao compararmos sua estrutura conceitual com a de 1913, propomos traduções que revelam a inter-relação entre os conceitos de mesmo nível em um e em outro texto.

**Palavras-chave:** Max Weber; tradução; conceitos sociológicos fundamentais.

#### Abstract

Since the first publications of *Max Weber-Gesamtausgabe*, the debate about the translation of Weber's writings has gained a new relevance through the works of Keith Tribe, in the United States; Jean-Pierre Grossein, in France; Michele Basso and Reinhard Schmidt in Italy; and Álvaro Laiz and Gill Villegas in Mexico. Inspired by the motivation to contribute to the debate of Weberian lexicon's translations in Brazil, we propose to further discuss the canonical translation of the central concepts found in "On some categories of

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia e Ciência Política, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP/UFSC, Florianópolis, SC, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3281-7045>.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP/UFSC, Florianópolis, SC, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4588-1553>.

Comprehensive Sociology (a text originally published in 1913 and translated by Augustin Wernet in Brazil), comparing and analyzing it to “Fundamental Sociological Concepts” (a Brazilian version essay translated in 1921 by Regis and Karen Barbosa). Bearing in mind that the 1921 text is an improved and updated version of the 1913 one, when comparing its conceptual structure with that of 1913, we suggest translations that reveal an interconnexion between same level concepts in both texts.

**Keywords:** Max Weber; translation; fundamental sociological concepts.

### Introdução<sup>3</sup>

A *Max Weber-Gesamtausgabe* (MWG) é um empreendimento de enorme impacto para os estudos especializados sobre Max Weber, já que influencia decisivamente o processo de compreensão e recepção de suas ideias. Hoje não é mais possível desconsiderar esse trabalho de reorganização crítica ao interpretar a obra de Max Weber, pois ele evidencia as inter-relações e/ou reformulações dos conceitos weberianos ao longo do tempo (GROSSEIN, 2005a). Após longas cinco décadas de trabalho (HANKE, 2012; HANKE; HÜBINGER; SCHWENTKER, 2012), a MWG saúda os leitores de Weber com a finalização de sua publicação e coloca a questão de, como, no mundo de língua portuguesa, avançar na discussão acerca da tradução dos escritos weberianos. Trata-se de um esforço de atualização (ALBERT, 2005; GREVE, 2015; SCHLUCHTER, 2005) e de desfossilização que ajuda a (re)discutir as traduções dos clássicos conceitos de Weber.

Intérpretes de outros países, aliás, já colocaram essa questão em pauta: nos Estados Unidos, por Keith Tribe (2019); na França, por Jean-Pierre Grossein (2005a, 2005b, 2016); na Itália<sup>4</sup>, por Michele Basso (2012) e Reinhard Schmidt (1988, 1993, 1996); e no México, por Álvaro Morcillo Laiz (2012) e Francisco Gil Villegas<sup>5</sup>. Imbuídos da motivação de contribuir com a discussão especializada sobre as traduções do léxico weberiano, propomos rediscutir a tradução de alguns conceitos centrais de *Sobre algumas categorias da Sociologia Compreensiva* [*Über einige Kategorien der verstehenden Soziologie*]<sup>6</sup> (Weber, 2016[1913]), tradução de Augustin Wernet) à luz da análise comparativa de *Conceitos Sociológicos Fundamentais* [*Soziologische Grundbegriffe*]<sup>7</sup> (Weber, 2015[1921], tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa).

<sup>3</sup> Agradecemos aos pareceristas anônimos da Revista Mediações por seus pertinentes comentários, críticas e sugestões.

<sup>4</sup> A Itália é um caso particular que merece especial atenção, pois a inserção e acessibilização do pensamento de Max Weber na Sociologia do país se configurou por meio das traduções de Petro Rossi. Dentre as traduções realizadas por ele, estão *Economia e Società* [*Wirtschaft und Gesellschaft*] (1961) e *Il Metodo delle Scienze Storico-Sociali* [*Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*](1981). Atualmente, há outra referência na tradução dos escritos weberianos, responsável por traduzir 3 volumes da *Max Weber-Gesamtausgabe* (o volume I/22-5 intitulado *La Città*, o volume I/22-1 chamado de *Comunità* e o volume I/22-2 intitulado *Comunità religiosa*): Massimo Palma (2005).

<sup>5</sup> Nos países de língua espanhola, a recepção da obra de Weber esteve intimamente ligada à primeira tradução de *Economia y Sociedad* do mundo, feita por José Medina Echavarría *et al* para a *Fondo de Cultura*. De acordo com Laiz (2012), essa é uma tradução problemática, pois suprime trechos fundamentais, altera a sequência de alguns parágrafos e é pouco fiel ao texto original.

<sup>6</sup> Doravante, *Kategorien* (Weber, 2016[1913]).

<sup>7</sup> Doravante, *Grundbegriffe* (Weber, 2015[1921]).

## 1 A Estrutura Conceitual de *Kategorien* e *Grundbegriffe*

Com efeito, os *Grundbegriffe* representam uma versão revisada, aprimorada e atualizada de *Kategorien*. Nas palavras de Weber (2013, p. 1, tradução nossa) “em comparação com o ensaio em *Logos IV* (1913) [*Kategorien*], a terminologia [de *Grundbegriffe*] foi simplificada quando possível e, por isso, amplamente modificada para que seja mais facilmente compreensível quanto possível”<sup>8</sup>. *Kategorien* foi concebido entre 1909 e 1913 na intenção inicial de servir como introdução aos *Grundriss der Sozialökonomik* (um manual de economia política, dividido em vários volumes, que estava sendo preparado sob a coordenação de Weber). Porém, na ânsia de demarcar sua posição antes do evento sobre juízos de valor da *Verein für Sozialpolitik*, Weber decidiu publicar por conta própria *Kategorien* na Revista *Logos*, em 1913. A Guerra eclodiu e, em meio às críticas a *Kategorien*, Weber demonstrou a intenção de rever sua formulação inicial de Sociologia Compreensiva – embora não pudesse fazê-lo naquele contexto conturbado, na medida em que atuava como oficial de reserva na gestão de hospitais militares. Em 1921, um ano após o falecimento de Max Weber, o texto reformulado vinha à público (com o título de *Grundbegriffe*) como parte da famosa coletânea *Economia e Sociedade* [*Wirtschaft und Gesellschaft*]<sup>9</sup>.

Não será possível, dados os limites deste artigo, discutir com profundidade a relação *teórica* entre estes dois escritos. De todo modo, há que se enfatizar que, apesar das inovações *terminológicas*, ambos os textos seguem a mesma lógica de níveis de análise, pois têm como ponto de partida a *Gemeinschaftshandeln/Soziales Handeln* (nível micro) que, quando orientadas por um conteúdo de sentido comum, servem de base para a emergência da *Ordnung* (nível macro)<sup>10</sup>. A interrelação destes conceitos no interior do sistema de pensamento de Weber, conforme Schluchter (2014), segue a lógica de propriedades emergentes agregadas do nível micro ao macro: ações sociais reciprocamente ajustadas em torno de um conteúdo de sentido comum constituem relações sociais, e tais relações, quando adquirem algum grau de institucionalização, são capazes de engendrar ordens sociais, as quais, por fim, podem incluir determinadas organizações.

Em *Kategorien* (Weber, 2016[1913]), a *Gemeinschaftshandeln*<sup>11</sup> é apresentada como o objeto da Sociologia Compreensiva. Dessa ação advém, de um lado, a *Einverständnishandeln*, capaz de sustentar uma *unterstellte Ordnung* – da qual, por sua vez, deriva a *Verband*. E, de outro lado, temos a *Gesellschaftshandeln*, que nos remete à *gesetzte Ordnung* – que, por sua vez, é subdividida em *Anstalt* e *Zweckverein*. Já em *Grundbegriffe* (Weber, 2015[1921]), em vez do *soziales Handeln* dividir-se em dois grandes grupos, cada qual com as suas características, ele está na base da *soziale Beziehung*

<sup>8</sup> “Gegenüber dem Aufsatz im *Logos IV* (1913) ist die Terminologie tunlichst vereinfacht und daher auch mehrfach verändert, um möglichst leicht verständlich zu sein” (apud WEBER, 2013, p. 1).

<sup>9</sup> A coletânea *Economia e Sociedade*, tal como a conhecemos na versão em língua portuguesa, é fruto da organização de Marianne Weber, Melchior Palyi e Johannes Winckelmann. São inúmeras as críticas à organização em uma parte “abstrata” e outra “concreta” feita por esses autores que, em certa medida, desvirtua o programa de trabalho de *Grundriss* feito por Weber (TENBRUCK, 1977; SCHLUCHTER, 1998) – o que leva Tenbruck (1977) a anunciar a “despedida” [*Abschied*] de *Economia e Sociedade*.

<sup>10</sup> Os conceitos desta seção ainda foram intencionalmente escritos no idioma original, sem tradução prévia. Afinal, acreditamos que a tradução só pode ser proposta após uma discussão detalhada da posição do conceito no interior da estrutura conceitual de Weber, bem como de uma apresentação dos vários sentidos que o termo possui no idioma original. Ambos os desafios serão enfrentados na próxima seção deste artigo.

<sup>11</sup> Neste tópico os termos alemães serão apresentados, ainda, sem tradução, tendo em vista que sua versão para nossa língua será discutida, em detalhes, em tópico posterior.

(BOLDA, 2020; SELL, 2018). A *soziale Beziehung*, por sua vez, seja ela *Vergemeinschaftung* ou *Vergesellschaftung*, confere sustentação a uma *legitime Ordnung*. Essa ordem pode incluir a *Verband* do tipo *Betrieb*, *Anstalt* ou *Verein*. Sob essa lógica, conforme argumenta Schluchter (2014), os conceitos de 1921 são construídos um sobre o outro, na seguinte sequência: *soziales Handeln* – *soziale Beziehung* (*Vergemeinschaftung* ou *Vergesellschaftung*) – *legitime Ordnung* - *Verband* (*Betrieb*, *Anstalt* e *Verein*)<sup>12</sup>.

A distinção “micro/macro” também é uma boa maneira de entender o que mudou entre *Kategorien* (Weber, 2016[1913]) e *Grundbegriffe* (Weber, 2015[1921]). Assim, no plano microsociológico, a *Gemeinschaftshandeln* de 1913 foi substituída pela ação social [*soziales Handeln*] de 1921. O conceito de *Einverständnishandeln* (tipo *Gemeinschaftshandeln* de nível micro) foi absorvido pelo conceito de *Vergemeinschaftung* (tipo de relação social de nível macro). A *Gesellschaftshandeln*, por sua vez, parece ter se tornado a *Vergesellschaftung* (tipo de relação social). No plano macrosociológico, a *gesetzte Ordnung*, de concepção jurídica, foi substituída por um conceito mais abrangente de ordem: a *legitime Ordnung*. Já a *Verband*, que em 1913 estava ligada especificamente à *Einverständnishandeln*, tornou-se o centro da teoria das organizações que, em 1921, ele divide entre *Anstalt*, *Verein* e *Betrieb*. As demais organizações de 1913 (*Anstalt* e *Zweckverein*) estavam conectadas à *Gesellschaftshandeln*. O esquema do Quadro 01 nos ajudará a facilitar o entendimento deste processo de maturação lexical.

**Quadro 01** –Evolução conceitual da sociologia compreensiva

<i>Kategorien</i> (1913)	<i>Grundbegriffe</i> (1921)
Gemeinschaftshandeln	soziales Handeln
	soziale Beziehung
Einverständnishandeln	Vergemeinschaftung
Gesellschaftshandeln	Vergesellschaftung
gesetzte Ordnung	legitime Ordnung
Anstalt - Zweckverein Verband	Verband: Anstalt - Verein - Betrieb

Fonte: Os autores.

Nosso objetivo é rediscutir a tradução destes textos em português (o leitor poderá acompanhar essa discussão nas seções 3.1 e 3.2), mas antes disso vejamos o estado da arte das atuais traduções de *Kategorien* e de *Grundbegriffe* em diferentes idiomas.

## 2 Sobre as Traduções em Português

Ao aceitarmos o pressuposto de que *Grundbegriffe* simplesmente atualiza alguns conceitos de *Kategorien*, e que, em consequência, os conceitos de ambos os textos são compatíveis analiticamente, podemos fazer o exercício de aproximar suas traduções em língua portuguesa (no Brasil). Este exercício nos permite, adicionalmente, compreender

<sup>12</sup> Sabemos que inserir termos em alemão sem traduzi-los pode provocar algum desconforto no leitor. Mas a tarefa de enfrentar tais termos e discutir sobre suas respectivas traduções é fundamental, conforme faremos doravante.

as mudanças no arsenal categorial empregado por Weber de um escrito até outro. No entanto, é importante esclarecer que não pretendemos, de modo algum, desqualificar as traduções existentes. Intentamos tão somente acessar as traduções vigentes e, a partir delas, propor reflexões e sugestões que auxiliem tanto na compreensão do sentido quanto na compreensão da interrelação entre os conceitos de *Kategorien* e de *Grundbegriffe*. Para tanto, comparamos a tradução de termos centrais do léxico de Weber adotadas nas línguas inglesa, francesa, espanhola e portuguesa<sup>13</sup> – conforme sistematização apresentada nos Quadros 2 e 3.

**Quadro 2** – Tradução dos termos centrais em inglês, francês, espanhol e português de *Kategorien* (1913).

Autoria da tradução	Inglês	Francês		Espanhol		Português		Proposta de tradução
	Hans Henrik Bruun	Julien Freund	Jean-Pierre Grosseinn	José Luis Etcheverry	Francisco Gil Villegas <i>et al</i>	Augustin Wernet	Antônio Flávio Pierucci	Carlos Sell e Bruna Bolda
<b>Termos originais e suas respectivas traduções</b>								
<i>Gemeinschaftshandeln</i>	communal action	activité communautaire	action en communauté	actuar en comunidad	actuar en comunidad	agir em comunidade	-	ação em comunidade
<i>Einverständnis-handeln</i>	consensual action	activité en entente	action en entente	actuar por consenso	Acción consensual	agir por consenso	-	ação por acordo
<i>unterstellte Ordnung</i>	-	-	-	-	-	-	-	ordem suposta
<i>Verband</i>	associative grouping	groupement	groupement	grupo	asociación	associação	associação	organização
<i>Gesellschaftshandeln</i>	societal action	activité sociétaire	action en société	actuar en sociedad	actuar en sociedad	agir em sociedade	-	ação em sociedade
<i>gesetzte Ordnung</i>	order instituted	règlement établi	ordre réglementé	ordenamiento estatuido	orden	regulamento estatuído	-	ordem estatuída
<i>Anstalt</i>	institution	institution	établissement	istitución	Institución	intituição	-	instituto
<i>Zweckverein</i>	rational purposive association	association à but déterminé	association à but déterminé	unión de fines	unión para un fin	associações de fins racional	-	união de fins

**Fonte:** elaborado pelos autores com base nas diferentes traduções dos textos.

**Quadro 3** – Tradução dos termos centrais em inglês, francês, espanhol e português de *Grundbegriffe* (1921)

Autoria da tradução	Inglês	Francês		Espanhol		Português		Proposta de tradução
	Guenther Roth e Claus Wittich	Keith Tribe	Julien Freund, Pierre Kamnitzer, <i>et al.</i>	Jean-Pierre Grosseinn	José Medina Echavarría <i>et al.</i>	Francisco Gil Villegas <i>et al.</i>	Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa	Antônio Flávio Pierucci

<sup>13</sup> Selecionamos estes idiomas pois eles têm maior impacto acadêmico na recepção de Weber no Brasil.

<b>Edição traduzida</b>	4ª edição, editada por Johannes Winckelmann	não consta	4ª edição, editada por Johannes Winckelmann	-	4ª edição, editada por Johannes Winckelmann	1ª edição, editada por Marianne Weber e Melchior Palyi	5ª edição, editada por Johannes Winckelmann	-	-
<b>Termos originais e suas respectivas traduções</b>									
<i>soziales Handeln</i>	social action	social action	activité sociale	-	acción social	acción social	ação social	-	ação social
<i>soziale Beziehung</i>	social relationship	social relationship	relation sociale	-	relación social	relación social	relação social	-	relação social
<i>Vergemeinschaftung</i>	communal relationship	communalisation	communalisation	communautisation	comunidad	relación comunitaria	relação comunitária	comunicação	comunicação relação comunitária
<i>Vergesellschaftung</i>	associative relationship	sociation	sociation	sociétisation	sociedad	relación asociativa	relação associativa	societização	societização relação societária
<i>legitime Ordnung</i>	legitimacy order	legitimate order	ordre légitime	-	orden legítimo	orden legítimo	ordem legítima	-	ordem legítima
<i>Verband</i>	organization	organization	groupement	-	asociación	asociación	associação	associação	organização
<i>Anstalt</i>	compulsory association	institution	institution	-	instituto	instituto	instituição	-	instituto
<i>Verein</i>	voluntary association	association	association	-	unión	unión	união	-	união

**Fonte:** elaborado pelos autores com base nas diferentes traduções dos textos.

Uma dificuldade da tradução alemão-português – conforme é possível visualizar nos exemplos da primeira coluna dos Quadros 2 e 3 – é que no idioma alemão pode-se juntar duas, três ou mais palavras (sejam elas substantivos, adjetivos ou verbos) para formar uma nova, sem recorrer à utilização de hífen “-”. São palavras que, quando unidas em uma única, podem resultar em um significado relativamente novo e autônomo<sup>14</sup>. “Relativamente” autônomo, pois comumente a união duas ou três palavras em uma única não gera um significado completamente novo. Em última instância, o conceito da palavra composta remete ao significado das duas ou mais palavras que a compõem. Quando acrescidas de prefixos ou sufixos, o sentido da palavra pode ser complexificado ou até modificado. É o que se chama no idioma alemão de *Zusammengesetzte Wörter* [palavras compostas].

Na língua portuguesa também temos a formação de palavras compostas. Porém o uso de tal recurso não é tão comum ou frequente quanto no idioma alemão. Esse é um dos inúmeros casos que tornam a tradução alemão-português particularmente complexa. Além disso, frequentemente as palavras aglutinadas em

<sup>14</sup>Um exemplo típico aprendido por iniciantes no idioma é a palavra *Handschuhe* que significa “luvas”. *Hand* (mão) + *Schuhe* (sapatos), algo que ao pé da letra significa “sapatos para a mão”.

alemão não possuem aglutinação em língua portuguesa. Isso nos leva a recorrer à formação de neologismos (palavras novas), à utilização de expressões compostas por três ou mais palavras, ou ainda a atribuir sentido novo a palavras já existentes em nosso idioma (com cautela, para não cair em falsos cognatos). A terceira opção é a mais problemática, pois pode tanto levar o leitor a compreender automaticamente o conceito weberiano a partir de um sentido anterior e cotidiano desse conceito, quanto levar o tradutor a instrumentalizar a tradução de alguns conceitos segundo sua própria utilidade ou compreensão.

Uma das críticas que Bendix (1986) faz à tradução de Parsons (1947), logo na introdução de seu livro, é justamente a de que ele instrumentalizou a tradução dos conceitos weberianos de modo a torná-los mais úteis ao seu próprio arcabouço teórico-conceitual, ou seja, a fim de sustentar sua própria teoria da ação (BENDIX, 1986). O exemplo dado por Laiz (2012) – que também está presente na nota de rodapé 464 e 718 de Bendix (1986) – é a tradução de *Herrschaft* como *authority*, em vez de *domination*. A tradução *domination* retrata melhor o componente do conflito e da luta inerente a *Herrschaft*. Ao optar por traduzir *Herrschaft* como *authority*, Parsons evidenciou sua típica abordagem da sociedade em equilíbrio<sup>15</sup>.

Na tentativa de não cometer tais equívocos, nessa exposição sobre a tradução dos conceitos centrais de *Kategorien* e de *Grundbegriffe*, olharemos i) para a tradução literal dos termos, e, ao mesmo tempo, ii) analisaremos o conteúdo do conceito, de modo a propor traduções que possam ser entendidas como “plausíveis”, tanto do ponto de vista do idioma alemão, quanto do ponto de vista do sentido do texto e da receptividade do termo em nosso idioma. Além disso, iii) atentaremos para o modo como os conceitos correspondentes (isso é, equivalentes em termos de conteúdo conceitual) de *Grundbegriffe* foram traduzidos. Por fim, para controle do leitor, (iv) selecionamos (nas notas de rodapé e/ou no corpo do texto, quando conveniente para a argumentação) alguns trechos da obra nos quais os principais conceitos traduzidos aparecem no texto, bem como (v) indicamos (também nas notas), conforme a necessidade, quais as sugestões de tradução do Dicionário Alemão-Português Langescheidt (1983), do dicionário DWDS (2022) e do dicionário de etimologia cujo título é *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache* (KLUGE, 1989) a fim de justificar a escolha do termo equivalente mais adequado na língua portuguesa. Vale registrar também que as traduções de trechos dos textos originais de Weber, especialmente aqueles em que os termos discutidos neste artigo estão conceituados, foram realizadas por nós a partir da MWG (I/12 para *Kategorien* e I/23 para *Grundbegriffe*).

### 2.1 Nível Micro: O Problema da Ação Social

Todo sociólogo certamente estudou o clássico conceito de *soziales Handeln* de Max Weber (2013): uma ação que, em seu sentido subjetivamente visado, orienta-se pela expectativa do comportamento alheio. Essa definição rapidamente nos leva ao exemplo amplamente citado da colisão entre dois ciclistas, que ilustra que os donos das bicicletas só agem de forma social quando, orientando-se subjetivamente pela expectativa objetiva da ação alheia (referência subjetiva à expectativa do comportamento alheio),

<sup>15</sup> São inúmeras as mudanças que Parsons fez na tradução de *WuG* listadas por Laiz (2012). Entre outras coisas, ele ignora o título original da primeira parte de *WuG* (*die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte*) e cria um novo (*The theory of social and economic organization*). Ele não diferencia a tradução de *Beruf* de *Arbeit* e ainda mistura o conceito de *Bildung* e de *Kultur*.

negociam os danos causados nas suas bicicletas (referência objetiva). Isso demonstra que a ação social só é “social” quando seu sentido e sua orientação externa se referem, ambos, ao comportamento alheio.

A tradução literal do termo *soziales Handeln*, composto pelo verbo “agir” e pelo adjetivo “social”, é “agir social”<sup>16</sup>. Porém, em inúmeros idiomas conhecemos a *soziales Handeln* como “ação social” – conforme as traduções realizadas por Roth e Wittich ([tradução de]WEBER, 1968b) [*social action*], Tribe ([tradução de]WEBER, 2019b) [*social action*], Echavarría *et al.* ([tradução de]WEBER, 2002b) [*acción social*], Villegas *et al.* ([tradução de] WEBER, 2014c) [*acción social*] e Barbosa e Barbosa ([tradução de]WEBER, 2015a e b) [“ação social”]<sup>17</sup>. Ainda que inexata do ponto de vista de uma tradução literal, trata-se de uma opção de tradução amplamente difundida. Tendo isso em vista, ao traduzir o termo *soziales Handeln* é necessário fazer uma opção: ou nos mantemos fiéis ao termo original (agir social) ou acompanhamos as traduções feitas em outros países (ação social). Cientes de que a opção “ação social” desloca o verbo *handeln* para o substantivo *Handlung*, sugerimos acompanhar as demais traduções mundiais, com a vantagem adicional de que isso nos permite colocar Weber em diálogo com as demais teorias que empregam o termo ação, caso das teorias de Talcott Parsons (2010) e Jon Elster (1993), por exemplo.

No texto *Kategorien* (Weber, 2016[1913]), o conceito central do nível micro é *Gemeinschaftshandeln*. Em termos epistemológicos, o conteúdo conceitual da *Gemeinschaftshandeln* e da *soziales Handeln* é similar<sup>18</sup>, pois ambos assumem que a ação significativa para a Sociologia é aquela que possui um sentido subjetivamente visado que está orientado pelo comportamento alheio<sup>19</sup>.

Em termos formais, entretanto, há uma mudança importante. No primeiro texto, Weber opta pela matriz teórica *Gemeinschaft/Gesellschaft*, que remonta à Ferdinand Tönnies (1887), como norteadora de sua tipologia da ação. A *Gemeinschaftshandeln* é, assim, seu “conceito guarda-chuva” que abarca a *Gesellschaftshandeln* e a *Einverständnishandeln*.

<sup>16</sup> O verbo “handeln” possui inúmeros significados, tais como o sentido de “validade comercial” (utilizado desde o século 16 no *Frühneudeutsch*) ou a ideia de se “fazer algo à mão”, “de maneira manual”. Mas nesta tradução estamos nos reportando ao sentido de *handeln* do *Mittelhochdeutsch* (um sentido que se refere a termos utilizados em variedades do alto-alemão desde 1050-1350, os quais, inclusive, têm proximidades com o termo *handelen* do *Mittelniederdeutsch*), que, segundo a definição do dicionário de etimologia Kluge (1989, p. 291), indica o ato de executar algo (*verrichten*) ou fazer (*tun*) alguma coisa. Entendemos que é possível traduzir o verbo *handeln* como ação, ainda que o termo “ação” seja um substantivo e não um verbo, porque o termo ação preserva o sentido original do conceito: a ideia de atuação, de realização, de fazer, de executar algo.

<sup>17</sup> A exceção é Freund *et al.* ([tradução de]WEBER, tradução de 1971a), que opta por traduzir o verbo substantivado *Handeln* como atividade [*activité sociale*].

<sup>18</sup> Recorremos aos trechos de *Kategorien* e de *Grundbegriffe* nos quais, respectivamente, Weber apresenta a *Gemeinschaftshandeln* e a *soziales Handeln*, a fim de verificar as proximidades entre ambos os termos. Weber (2018, p. 406, tradução nossa) afirma em 1913 que “nós desejamos falar, pois, de ‘ação em comunidade’ quando a ação humana se relaciona em seu sentido subjetivo com o comportamento de outros homens” [Von „Gemeinschaftshandeln“ wollen wir da sprechen, wo menschliches Handeln subjektiv sinnhaft auf das Verhalten anderer Menschen bezogen wird]. Algo semelhante está no texto de 1921 (WEBER, 2015, p. 03, tradução de Regis e Karen Barbosa, com modificações terminológicas realizadas pelos presentes autores): “ação ‘social’, por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso” [“Soziales’ Handeln aber soll ein solches Handeln heißen, welches seinem von dem oder den Handelnden gemeinten Sinn nach auf das Verhalten anderer bezogen wird und daran in seinem Ablauf orientiert ist” (WEBER, 2013, p. 149)].

<sup>19</sup> Há diferenças entre ambas as noções em nível substantivo. Um exemplo é que em 1921 Weber aceita a referência ao comportamento alheio, tanto no nível objetivo (curso externo da ação) quanto no nível subjetivo (do sentido). Em 1913, por outro lado, a referência ao comportamento alheio é visível somente no nível subjetivo (BOLDA, 2019).

No segundo texto, por outro lado, a dupla *Gemeinschaft / Gesellschaft* perde seu lugar analítico central e aparece como matriz norteadora apenas da tipologia das relações sociais, conforme explicaremos na seção a seguir.

Satisfazendo a fidedignidade do termo original (*Gemeinschaftshandeln*), entendemos que uma tradução mais apropriada em termos literais seria “agir comunitário”, pois contempla tanto o verbo substantivado *handeln* quanto o substantivo *die Gemeinschaft*<sup>20</sup> (que, neste caso, funciona como um adjetivo). Augustin Wernet, tradutor de *Kategorien* para a língua portuguesa (tradução de 2016), opta pelo vocábulo “agir em comunidade” mantendo, desse modo, a tradução de *handeln* como um verbo<sup>21</sup>. Porém, conforme argumentamos anteriormente, a opção em traduzir *handeln* como “agir”, em vez de “ação”, faz com que distanciemos Weber das demais teorias da ação – sendo que já em 1913 ele possui uma clara teoria da ação (*Gemeinschaftshandeln* subtipificada em *Gesellschaftshandeln* e *Einverständnisshandeln*).

Após esclarecermos a opção por traduzir *handeln* como ação, precisamos lidar com outra questão: traduziremos a *Gemeinschaftshandeln* como “ação comunitária” ou como “ação em comunidade”? A primeira opção, embora harmonize mais com o termo original (por reconhecer que a *Gemeinschaft* funciona como um adjetivo), pode passar a ideia de um serviço prestado para a comunidade, no sentido de uma benfeitoria, uma ação solidária com vistas à transformação da realidade socioeconômica. Na esteira do argumento de Pierre Grossein (2005a, p. 695), reconhecemos que o termo ação em comunidade [*action en communauté*] retrata o conteúdo do conceito, pois mostra que a ação acontece em uma área comum a várias ações [*espace commun d’action à plusieurs*]: trata-se de um comportamento individual que tem seu sentido referido subjetivamente pelo comportamento de outro agente.

## 2.2 Nível Macro: as Relações, Ordens e Organizações Sociais

Os subtipos de ação em comunidade (a *Einverständnisshandeln* e a *Gesellschaftshandeln*) não foram discutidos na seção anterior, ainda que sejam noções de nível micro, pois, em consonância com Schluchter (2016), reconhecemos que há uma aproximação entre *Einverständnisshandeln* e a *Gesellschaftshandeln* (nível micro), de 1913, e *Vergemeinschaftung* e *Vergesellschaftung* (macro), de 1921. Ainda que Weber não utilize o conceito de relação social [*soziale Beziehung*] em *Kategorien*, a *Einverständnisshandeln* e a *Gesellschaftshandeln* parecem funcionar como elementos mediadores entre a ação social (micro) e ordem social (macro). Desse modo, preferimos tratar os tipos de ação de *Kategorien* como uma prototeoria das relações sociais.

### a) As relações Sociais

Em *Grundbegriffe*, Weber (2015, p. 16) conceitua a relação social [*soziale Beziehung*] como um “comportamento reciprocamente referido quanto a seu conteúdo

<sup>20</sup> A raiz do termo *Gemeinschaft* (*gemein*), assim como do termo *Handeln* (que discutimos em notas anteriores), remonta ao *Mittelhochdeutsch* (e ao *Althochdeutsch gimeini*) e indica o pertencimento a um grupo, ser familiar, conhecido por todos ou organizado por todos (KLUGE, 1989). O substantivo *Gemeinschaft*, nesta esteira, deve ser entendido como grupo de pessoas que possuem uma conexão (DWDS, 2022).

<sup>21</sup> Também Etcheverry ([tradução de] WEBER, 1982a) [*actuar en comunidad*] e Villegas ([tradução de] WEBER, 2014c) [*actuar en comunidad*] traduziam *handeln* por um verbo. Porém, em vez de optarem pelo original “agir”, adotaram o verbo “atuar”.

de sentido por uma pluralidade de agentes e que se orienta por essa referência”<sup>22</sup>. Assim, além da orientação subjetiva pela expectativa do comportamento alheio (típica da ação social), há a coordenação da ação em função de um sentido comum (algo típico da relação social) (SCHLUCHTER, 2014). Aqui estamos frente a dificuldades menores, pois todos os tradutores que consultamos optaram por “relação social”. Na língua inglesa, Roth e Wittich ([tradução de]WEBER, 1968b) e Tribe ([tradução de]WEBER, 2019b) traduzem o termo alemão como *social relationship*. Em francês, Freund *et al.* ([tradução de]WEBER, 1971a) traduzem como *relation sociale*. Na língua espanhola o termo ficou conhecido, por meio das traduções de Echavarría *et al.* ([tradução de]WEBER, 2002b) e de Villegas *et al.* ([tradução de]WEBER, 2014c), como *relación social*. No Brasil, por fim, com as traduções de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa ([tradução de]WEBER, 2015), temos a “relação social”.

Um dos tipos de relação social de 1921, a *Vergemeinschaftung*, possui raízes na noção de *Gemeinschaft*, um conceito que remonta aos escritos de religião de Max Weber e diz respeito a agrupamentos religiosos que vinculam as pessoas por meio do sentimento de pertencimento. Diante disso, Grossein (2005a, p. 688) defende que, na tradução das palavras derivadas dessa raiz<sup>23</sup>, em textos escritos no pós-Guerra<sup>24</sup>, é necessário manter o vínculo com a ideia de “comunidade” com seu sentido “emocional”. O próprio Weber define a *Vergemeinschaftung* como uma relação em que o sentido subjetivo da ação social dos participantes está vinculado ao pertencimento do grupo: “§ 9. Uma relação social denomina-se ‘relação comunitária quando e na medida em que a atitude na ação social – no caso particular ou em média ou no tipo puro – repousa no sentimento subjetivo dos participantes de pertencer (afetiva ou tradicionalmente) ao mesmo grupo” (WEBER, 2015, p. 25)<sup>25</sup>.

É com base nesse argumento, por exemplo, que Grossein critica a tradução francesa de *Vergemeinschaftung*, feita por Julien Freund, como *communalisation*, pois essa opção retira qualquer vínculo com a ideia de comunidade. Na esteira desse raciocínio, Grossein (2005a) também tece críticas à escolha do termo *communautarisation*, pois ele assemelha-se muito ao termo *communautarisme*, típico das teorias comunitaristas. Ao aceitar tal premissa, esse mesmo problema de tradução teria sido cometido também por Pierucci (2008), no Brasil, ao propor traduzir *Vergemeinschaftung* como “comunitarização”. Em razão disso, Grossein (2005a) propõe a tradução de *Vergemeinschaftung* como o neologismo *communautisation* – um termo que, na língua portuguesa, pode ser transposto em “comunitização”.

<sup>22</sup> “Sinngelalt nach aufeinander gegenseitig eingestelltes und dadurch orientiertes Sichverhalten mehrerer heißen” (WEBER, 2018, p. 177).

<sup>23</sup> A raiz é o elemento originário e imutável da palavra. Carrega consigo o significado central dos conceitos. Ao nos referenciar a raiz, estamos indicando o elemento comum constitutivo de um grupo de palavras semelhantes graficamente. No caso da raiz *Gemein*, a partir da união do radical com os elementos secundários (como o prefixo *Ver* e o sufixo *ung* da palavra *Vergemeinschaftung*), há a formação das palavras mais complexas em termos de significado.

<sup>24</sup> Grossein (2005a) esclarece, convenientemente, que a ideia de comunidade, enquanto vinculação emocional, não perpassa toda a obra weberiana. Nos escritos sobre a dominação, por exemplo, Weber descreve a comunidade como um agrupamento que possui um líder carismático estruturado em torno de uma comunidade emocional. Porém, em outros textos, a noção de “comunidade” pode adotar sentidos diversos.

<sup>25</sup> “§ 9. ‘Vergemeinschaftung’ soll eine soziale Beziehung heißen, wenn und soweit die Einstellung des sozialen Handelns – im Einzelfall oder im Durchschnitt oder im reinen Typus – auf subjektiv gefühlter (affektueler oder traditionaler) Zusammengehörigkeit der Beteiligten beruht” (WEBER, 2013, p. 194-195).

Na tradução italiana de MWG I/22-1 intitulada *Comunità* (traduzida por Massimo Palma em 2005 ([tradução de]WEBER, 2005), optou-se por traduzir *Vergemeinschaftung* como *comunione*. Algo que em português poderia ser compreendido como “comunhão”, uma palavra que remete, em inúmeros aspectos, ao ideário cristão. Outro italiano, Pietro Rossi ([tradução de]WEBER, 1961), aposta em uma tradução ainda mais heterodoxa: *formazione di una comunità*. O problema de transpor essa tradução para a língua portuguesa é que ela remete mais ao processo de formação de uma comunidade do que às relações traçadas pelo sentimento de pertencimento a um grupo.

Os tradutores do livro de Bendix (1986, p. 407) *Max Weber: an intellectual Portrait* para o português, Elisabeth Hanna e José Viegas Filho, adotaram a tradução de *Vergemeinschaftung* como “relacionamento social comunal” e a *Vergesellschaftung* como “relacionamento social associativo”. O mesmo acontece com a edição desse livro em língua inglesa (BENDIX, 1998, p. 292), que traz a *Vergemeinschaftung* como uma *communal social relationship* e a *Vergesellschaftung* como uma *associative social relationship*. Uma tradução curiosa, pois o termo “relacionamento” não está contido no original. Frente a essas proposições, então, qual seria a tradução mais adequada para *Vergemeinschaftung*? A fim de respondermos a essa questão, decompomos a palavra alemã em sua raiz, prefixo e sufixo. E explicaremos o significado de cada uma de suas partes.

*Vergemeinschaftung* = *ver* + *Gemeinschaft* + *ung*. Lichtblau (2011) esclarece convenientemente que o prefixo “ver” acrescenta aos verbos um senso de movimento ou de processo. Um exemplo é o verbo *fahren* (dirigir) que, quando escrito com o prefixo “ver”, torna-se o verbo *verfahren* (perder-se no caminho ou proceder algo, de acordo com o dicionário Langenscheidt, 1983) (LANGENSCHIEDT, 1983). Em função disso, segundo a defesa de Fitzi (1994), é importante encontrar uma tradução que confira ao termo *Vergemeinschaftung* tanto a noção de processo quanto a noção de agregação. Ou, nas palavras de Michele Basso (2012, p. 311), é necessário encontrar um termo que passe a ideia de *farsi comunità* [fazer-se/tornar-se uma comunidade]. O sufixo “ung” é utilizado, na língua alemã, para formar substantivos derivados de verbos. É uma partícula semelhante ao “ção” da língua portuguesa.

Há três opções de tradução plausíveis, em vista disso. A primeira, adotada por Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa (2015), na edição mais conhecida de *Economia e Sociedade* da língua portuguesa, é “relação comunitária” ou “relação em comunidade”. Uma tradução que mantém o *locus* na comunidade, porém insere um vocábulo que não está no termo original (o termo relação). Essa opção de tradução possui um ponto positivo, pois demonstra com maior clareza que a *Vergemeinschaftung* é um tipo de relação social. A segunda, o neologismo proposto por Grossein (2005a), “comunitização”, utiliza um termo fiel à literalidade do vocábulo original, mas que parece, de um lado, escapar à ideia de processo e, de outro, ser excessivamente inusual em nosso idioma. A terceira opção é aquela proposta por Pierucci (2008): “comunitarização”, termo que se mantém mais próximo ao original e, ao mesmo tempo, conserva a ideia de um processo e dinamicidade<sup>26</sup>.

Em *Kategorien*, a *Einverständnishafteln* compartilha um princípio com a *Vergemeinschaftung* de 1921: o conhecimento mútuo das pessoas pertencentes a um dado grupo social. Ainda que a vinculação afetiva do sentimento de pertencimento

<sup>26</sup> Reconhecemos que um empecilho desta opção é a dificuldade em apreender seu sentido, por se tratar de uma palavra pouco utilizada. Porém, a opção “relação em comunidade” parece ser ainda mais intrincada, pois insere um termo que não está previsto na *Vergemeinschaftung*.

seja uma inovação do texto maduro, o sentido de vinculação pessoal a uma comunidade da *Gemeinschaft* já está no texto de 1913. A *Einverständnishandeln* é uma ação que se orienta pela expectativa da ação alheia na ausência de um acordo explícito, isto é, subentendido. Suas expectativas são objetivamente válidas, pois estão baseadas na chance de que, apesar da ausência de um acordo institucionalizado, as pessoas agirão de uma determinada maneira.

Esse termo é composto pelo substantivo *das Einverständnis* (acordo)<sup>27</sup> e pelo verbo *handeln* (agir). A tradução literal seria “agir por acordo”. Tendo em vista que optamos pelo vocábulo “ação”, a opção por traduzir *Einverständnishandeln* como “ação por acordo”, assim como fez Grossien (2005) com a tradução francesa *action en entente*, parece-nos adequada. Mas é comum encontrar traduções que aludem à noção de consenso, como as de Bruun ([tradução de]WEBER, 2014a) [*consensual action*], Etcheverry *et al* ([tradução de]WEBER, 1982a) [*actuar por consenso*], Villegas *et al* ([tradução de]WEBER, 2014c) [*acción consensual*] e Wernet ([tradução de]WEBER, 2016) [*agir por consenso*]. Consideramos a adoção do termo “consenso” algo discutível, pois expressa a ideia de uniformidade de opiniões, quando, na verdade, a *Einverständnishandeln* significa “ação guiada por acordo tácito”, com normas subentendidas. Em *Kategorien Weber* (2018, p. 424, tradução própria) fala-se literalmente que “nem toda ação em comunidade pertence à categoria de ação por acordo, mas somente aquela cuja orientação, em média, está baseada precisamente na probabilidade de um acordo”<sup>28</sup>. Detalhe para o caráter provável, não estatuído formalmente.

Ainda com relação a este ponto, um pequeno excursão é importante. A *Einverständnishandeln* de Weber não deve ser tomada como sinônimo da ação comunicativa de Habermas (1981), embora algumas aproximações sejam possíveis. Em Weber, há uma ação por acordo quando a ação é coordenada por um acordo normativo de baixa racionalidade (leia-se baixa institucionalização e formalização). Em Habermas (1981), para que se encontre o entendimento onde não há um estatuto formalizado, é necessário que os agentes dialoguem e se relacionem comunicativamente, não para que cheguem a uma ideia unívoca, mas para que entrem em um entendimento mútuo. O elemento comunicativo, sob essa perspectiva, é mais latente e, aliás, fundamental.

Há um segundo tipo de relação social em 1921: a *Vergesellschaftung*<sup>29</sup>. A *Vergesellschaftung* ocorre quando agentes ajustam suas ações racionalmente em vista de seus interesses – como, por exemplo, em acordos racionais de declaração recíproca. Nos termos de Weber (2015, p. 25, tradução de Karen e Regis Barbosa, com modificações dos presentes autores): “uma relação social denomina-se ‘societarização’ quando e na medida em que a atitude na ação social repousa num ajuste ou numa

<sup>27</sup> Conforme o dicionário Langenscheidt alemão-inglês (LANGENSCHIEDT, 1983), o substantivo *das Einverständnis* traduz-se como *too agree*, ou, em português, estar de acordo, concordar.

<sup>28</sup> “Es gehört nicht jedes Gemeinschaftshandeln zur Kategorie des Einverständnishandelns, sondern erst jenes, welches durchschnittlich seine Orientierung eben auf die Chance des Einverständnisses gründet” (WEBER, 2018, p. 424).

<sup>29</sup> A raiz do termo *Gesellschaft* (*Geselle*) remonta à ideia de camarada, amigo. Isso desembocou, no século IX, no *Althochdeutsch*, à ideia de *Gesellschaft* como grupo de pessoas unidas intencionalmente. No século XV, então, o termo *Gesellschaft* passou a indicar uma comunidade humana dividida em grupos, em cidadãos e em sociedade civil (DWDS, 2022). Conforme o Dicionário Langenscheidt alemão-inglês (LANGENSCHIEDT, 1983) traduz-se *Gesellschaft* como *society* ou *company*. No caso da teoria de Weber, a noção que melhor condensa o significado de seu conceito de *Gesellschaft* (em *Gesellschaftshandeln*) é sociedade.

união de interesses racionalmente motivados (com referência a valores ou fins)”<sup>30</sup>. Como se pode notar, a racionalidade de fins (que valoriza o êxito pessoal) é o elemento fundamental. Seguindo a proposta feita para o conceito de *Vergemeinschaftung*, há três traduções plausíveis. De um lado, a tradução proposta por Grossein (2005a): a societização (*sociétisation*, em francês)<sup>31</sup>. Uma opção que, conforme já demonstramos anteriormente, é excessivamente inusual em nosso idioma. De outro lado, há a correção da tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa ([tradução de]WEBER, 2015): em vez de “relação associativa”, “relação societária”. Há, por fim, a opção adotada por Pierucci (2008): “societarização”. Uma opção que, ao mesmo tempo, confere a noção de processo típica do prefixo “ver” e que mantém o *locus* temático na *Gesellschaft*<sup>32</sup>.

Também na *Gesellschaftshandeln*, de 1913, a estipulação de expectativas é realizada de maneira racional e com vistas às consequências esperadas das condutas dos demais associados. Ela é uma ação em comunidade que possui um sentido subjetivamente visado que se orienta pela expectativa da ação alheia, a qual está alinhada a uma ordem estatuída. Enquanto Wernet ([tradução de]WEBER, 2016) optou pelo conceito de “agir em sociedade”, nós sugerimos a adoção da noção de “ação em sociedade”. Porém, o termo “ação em sociedade” não deve ser entendido de forma dualista, no sentido de que há ações que são em sociedade e outras que não ocorrem na sociedade<sup>33</sup>. Tanto a *Einverständnishandeln* quanto a *Gesellschaftshandeln* são ações orientadas, em seus sentidos subjetivamente visados, pela expectativa do comportamento alheio, de modo que em ambos os tipos de *Gemeinschaftshandeln* os agentes estão em interação.

## b) As Ordens Sociais

Quando as ações sociais passam a ganhar certo grau de regularidade por meio de linhas mais amplas e comuns de ação, temos a formação de uma *Ordnung*<sup>34</sup>. A

<sup>30</sup> “‘Vergesellschaftung’ soll eine soziale Beziehung heißen, wenn und soweit die Einstellung des sozialen Handelns auf rational (wert- oder zweckrational) motiviertem Interessenausgleich oder auf ebenso motivierter Interessenverbindung beruht” (WEBER, 2013, p. 195).

<sup>31</sup> A opção de Julien Freund, ao traduzir *Vergesellschaftung* como *sociation*, ficou ainda mais distante do significado original do que a tradução de *Vergemeinschaftung* como *communalisation*, conforme defesa de Grossein (2005a). É uma tradução que se aproxima muito da noção de “associação”. Mas, é importante dizer, não podemos depositar todo o equívoco em Freund, pois a opção por essas traduções se deu por meio de voto da equipe editorial. Crítica semelhante é feita por Michele Basso (2012) à tradução italiana de *Vergesellschaftung*, de Pietro Rossi, como *associazione*.

<sup>32</sup> Na versão italiana da MWG I/22-1, traduzida por Massimo Palma (tradução de 2005), optou-se por *sociazione*. Algo que no Brasil poderia ser compreendido como o neologismo “sociação”.

<sup>33</sup> Neste trecho Weber (2018, tradução própria) define a *Gesellschaftshandeln* da seguinte forma: “Designamos, pois, de ação socializada (‘ação em sociedade’) um caso particular de ação em comunidade quando e na medida em que 1. seu significado está orientado segundo expectativas formuladas com base em ordens, quando 2. sua ‘estipulação’ foi realizada de maneira puramente racional com relação a fins e tendo em vista o que pode surgir como consequência da ação esperada dos associados, e 3. quando a orientação significativa ocorre subjetivamente como racional de fins” [Vergesellschaftetes Handeln („Gesellschafts-handeln“) wollen wir ein Gemeinschaftshandeln dann und soweit nennen, als es 1. sinnhaft orientiert ist an Erwartungen, die gehegt werden auf Grund von Ordnungen, wenn 2. deren „Satzung“ rein zweckrational erfolgte im Hinblick auf das als Folge erwartete Handeln der Vergesellschafteten, und wenn 3. die sinnhafte Orientierung subjektiv zweckrational geschieht“].

<sup>34</sup> No *Althochdeutsch* o termo *Ordnung* indicava uma ordem correta, boas condições para a existência de algo. No *Mittelhochdeutsch* esse mesmo termo passou a uma conotação mais ligada à organização/composição (*Gliederung*), divisão/classificação (*Einteilung*), mas também próximo de regra (*Regel*), regulamento (*Vorschrift*) de um dado modo de vida (*Lebensweise*) (DWDS, 2022). Weber

*Ordnung* existe no plano da representação, pois ela é uma imagem mental. É por meio da aceitação de sua normativa que os agentes tomam a *Ordnung* como referência para as suas ações. A maior parte dos tradutores – como Roth e Wittich ([tradução de]WEBER, 1968b), Tribe ([tradução de]WEBER, 2019b), Freund *et al.* ([tradução de]WEBER, 1971a), Echavarria *et al.* ([tradução de]WEBER, 2002b), Villegas ([tradução de]WEBER, 2014c) e Barbosa e Barbosa ([tradução de]WEBER, 2015) –, com os quais estamos de acordo, traduzem *Ordnung* como “ordem”. Mas há autores que optam por traduções menos precisas. José Medina Echavarria *et al.* (2002) costumavam traduzir, na versão antiga de WuG em espanhol, o conceito *Ordnung* ora como *ordenación* ora como *ordenamento*. Parsons (1947), por outro lado, associa o termo *Ordnung* ao de sistema: *a system of order*. Ao se ler o texto de Weber a partir de uma tradução literal, inclusive, o termo “ordem” recai melhor que os termos não-literais anteriormente referidos: “§ 5. Toda ação, especialmente a ação social e, por sua vez, particularmente a relação social podem ser orientadas, pelo lado dos participantes, pela representação da existência de uma ordem legítima”<sup>35</sup> (WEBER, 2015, p. 19, tradução de Regis e Karen Barbosa, com adaptações terminológicas dos presentes autores).

Em 1921, Weber classifica a ordem convencional (ligada à ação tradicional) e a ordem jurídica (ligada à ação racional com relação a valores) como ordens de tipo legítimo. A regularidade das ações em seu interior advém da vigência (probabilidade de que ações se orientam pelo conteúdo de sentido da ordem) e da legitimidade (sentimento de dever de cumprimento da ordem). Em 1913, por outro lado, Weber não subtipifica as ordens sociais, tampouco as considera “ordens legítimas”, no sentido normativo apresentado em 1921. Ele afirma que as ações em sociedade [*Gesellschaftshandeln*] orientam-se por um conteúdo de sentido formalmente regulamentado (isso é, quando há um esclarecimento mútuo e recíproco sobre a maneira acordada de agir): uma *gesetzte Ordnung*. As palavras escolhidas por Weber (2016[1913]) para compor essa noção já exprimem parte do conteúdo deste conceito. O adjetivo *gesetzte* significa fixado/estatuído/regulamentado, em um sentido muito semelhante ao da concepção jurídica<sup>36</sup>. Quando unido ao substantivo *die Ordnung*, que significa a ordem, temos a noção de “ordem estatuída”: “uma ordem estatuída - no sentido puramente empírico aqui imaginado - e que aqui pode ser definida de forma apenas provisória, é 1. uma exigência unilateral, e enquanto caso limite racional, formulada expressamente, de certas pessoas a outras, bem como, 2. enquanto caso limite, uma exigência bilateral e recíproca, formulada de modo expreso, entre pessoas, com o conteúdo subjetivamente intencionado de que uma determinada forma de ação seja previsivelmente realizada ou esperada”<sup>37</sup> (MWG, I/12, p. 402).

---

utiliza o termo mais próximo desse segundo grupo de significados. Isso nos leva a questionar a tradução adotada por Echavarria *et al.* (2002) já que ela foca estritamente na dimensão legal da ordem (*ordenamento*). O termo “ordem” ainda parece ser aquele que melhor exprime o sentido da *Ordnung* de Weber, especialmente quando se considera as duas opções de tradução de *Ordnung* do Dicionário Langenscheidt (ORDNUNG, 1983): *class* ou *order*.

<sup>35</sup> “Handeln und wiederum insbesondere eine soziale Beziehung, können von Seiten der Beteiligten an der Vorstellung vom Bestehen einer legitimen Ordnung orientiert werden” (WEBER, 2013, p. 182-183).

<sup>36</sup> O termo *Gesetz*, do qual deriva o adjetivo declinado *gesetzte*, é conceituado, segundo o DWDS (2022), como regra jurídica (*Rechtsvorschrift*) ou como princípio orientador (*Richtschnur*). O caráter de formalidade estabelecida em norma está na gênese do conceito (KLUGE, 1989) e data pelo menos desde o século VIII (DWDS, 2022).

<sup>37</sup> “Eine gesetzte Ordnung in dem hier gemeinten rein empirischen Sinn ist – wie hier nur ganz provisorisch definiert sei – entweder 1. eine einseitige, im rationalen Grenzfall: ausdrückliche, Aufforderung

Podemos afirmar, portanto, que as traduções de Bruun ([tradução de]WEBER, 2014) [*order instituted*] e Grossein (2005a) [*ordre réglementé*] são plausíveis. Mas é necessário ter cautela ao utilizar a opção de Freund ([tradução de]WEBER, 1965a) [*règlement établi*] e de Wernet ([tradução de]WEBER, 2016) [“regulamento estatuído”], pois a ordem não é somente um regulamento, ela também pode ser entendida como a definição do conteúdo da ação que norteia subjetiva e objetivamente o conjunto das ações. Há, ainda, Schimdt (tradução de 1993) e Etcheverry ([tradução de]WEBER, 1982a), que defendem a tradução de *Ordnung* como *ordinamento*. Recorrendo ao termo *ordinamento* (em português, ordenamento), segundo os intérpretes, a tradução evidenciaria o caráter imperativo da *Ordnung*. Mas, tendo em vista que o termo ordenamento costuma ser utilizado para situações pontuais (em sua maioria ligadas a ordenamento jurídico), não nos parece a decisão mais pertinente para representar a proximidade entre o vocabulário de 1913 e de 1921. Tendo em vista essas considerações, preferimos manter a tradução de *Ordnung* como a noção mais abrangente de ordem.

Podemos perguntar se, semelhante ao que acontece com a *Gesellschaftshandeln*, a *Einverständnishandeln* orienta-se segundo o conteúdo de sentido de uma *Ordnung*. Segundo Grossein (2005a), trata-se justamente do inverso, quer dizer, da ausência relativa de uma ordem que regulamenta as ações. Schluchter (2005, 2014, 2016) argumenta, por outro lado, que existe uma *unterstellte*<sup>38</sup> *Ordnung*. Ainda que esse conceito não esteja no texto de 1913, o intérprete alemão apresenta-o na tentativa de demarcar com clareza a existência de uma ordem não formalmente institucionalizada que orienta a ação por acordo. Afinal, sob essa perspectiva, a *Einverständnishandeln* se desenvolve “como se” uma ordem existisse, pois a média dos agentes orienta-se por uma espécie de acordo não explícito. Para a tradução do termo *unterstellte Ordnung*, formulado por Schluchter, sugerimos a opção “ordem suposta”<sup>39</sup>, pois ela demarca as diferenças entre a ordem formalmente estabelecida (ordem estatuída) e a ordem subentendida (ordem suposta).

### c) As Organizações Sociais

Por fim, quando adentramos na teoria das organizações, notamos que as mudanças de 1913 para 1921 são profundas e complexas. Nós optamos por discutir os conceitos a partir de um sentido lógico, e não cronológico, conforme explicamos doravante. O conceito de *Verband* de *Grundbegriffe* representa um aprimoramento, uma extensão complexificada da noção de relação social [*soziale Beziehung*]: é uma relação social que regulamenta o ingresso de novos membros e que possui um quadro administrativo (especialmente a figura do dirigente) responsável por fazer cumprir a

---

von Menschen an andere Menschen oder 2. eine, im Grenzfall: ausdrückliche, beiderseitige Erklärung von Menschen zueinander, mit dem subjektiv gemeinten Inhalt: daß eine bestimmte Art von Handeln in Aussicht gestellt oder erwartet werde” (WEBER, 2018, p. 402).

<sup>38</sup>O termo *unterstellte* advém do verbo *unterstellen*, que pode significar, de acordo com o dicionário DWDS (2022, 1) o ato de se proteger de chuva ou de guardar objetos em local seguro ou 2) subordinar uma instituição oficialmente a outra, ou alegar algo falsamente, ou ainda a possibilidade de se aceitar algo provável. São inúmeros e diversos significados. Schluchter (2005) parece adotar o último significado do termo: a possibilidade de se aceitar algo provável. A *unterstellte Ordnung* seria uma ordem que possivelmente se aceita, ainda que não haja formalização jurídica dela.

<sup>39</sup>Também poderíamos optar pelo termo “ordem implícita”, por se tratar de uma ordem não regulamentada formalmente. Essa noção também demarca com clareza as diferenças entre a ordem de cunho jurídico (ordem estatuída) e a ordem não formalizada (ordem suposta). Mas preferimos nos manter fiéis ao termo original.

ordem [*Ordnung*]. Em suas próprias palavras, “chamamos ‘*Verband*’ uma relação social fechada para fora ou cujo regulamento limita a participação quando a observação de sua ordem está garantida pelo comportamento de determinadas pessoas, destinado particularmente a esse propósito”<sup>40</sup> (WEBER, 2015, p. 30, tradução de Karen e Regis Barbosa, com adaptações terminológicas feitas pelos presentes autores). Esse é o conceito central da teoria das organizações de Weber em *Grundbegriffe*, que abrange os diversos tipos de organizações: *Anstalt*, *Verein*, *Betrieb*.

Em *Kategorien*, Weber também recorre ao conceito de *Verband*, porém em um sentido diferente daquele adotado no texto maduro. Se em *Grundbegriffe* a *Verband* passou a abarcar todas as formações sociais que regulamentam a participação de novos membros das comunitarizações e societarizações, em *Kategorien* a *Verband* referia-se somente às ações por acordo que se coordenam conjuntamente, como se regras e disposições existissem. Quer dizer, na *Verband* de 1913, apesar de não haver um acordo firmado explicitamente entre todos os participantes de forma racional referente a fins, as ações por acordo orientam-se mutuamente umas em referência às outras, como se tal ordem existisse<sup>41</sup>. Os demais tipos de organizações de 1913 (*Anstalt* e *Zweckverein*) não são derivações da *Verband*, mas tipos que obedecem a uma lógica de organização própria.

Uma tradução literal do termo *Verband*<sup>42</sup> comporta: associação, liga, união<sup>43</sup>, aliança ou organização. Há autores que optam por traduzir *Verband* como “organização”: Roth e Wittich ([tradução de]WEBER, 1968b) e Tribe ([tradução de]WEBER, 2019b) [*organization*], e Schmidt (1988, 1993, 1996) [*organizzazione*]. Há vários tradutores que, por outro lado, preferem o vocábulo “associação”: Barbosa ([tradução de]WEBER, 2015), Wernet ([tradução de]WEBER, 2016) [“associação”], Pierucci (2001, 2006) [“associação”], Echavarría *et al.* ([tradução de]WEBER, 2002b) [*asociación*], Villegas *et al.* ([tradução de]WEBER, 2014c) [*asociación*] e Pietro Rossi ([tradução de]WEBER, 1961) [*associazione*]. Como o termo “associação” pode remontar a instâncias sociais que possuem pouco grau de formalização (como associações de amigos ou vizinhos, por exemplo), nós sugerimos traduzir *Verband* como “organização”, pois ela transmite o sentido de hierarquia interna e de agrupamento formal.

<sup>40</sup>“*Verband* soll eine nach außen regulierend beschränkte oder geschlossene soziale Beziehung dann heißen, wenn die Innehaltung ihrer Ordnung garantiert wird durch das eigens auf deren Durchführung eingestellte Verhalten bestimmter Menschen” (WEBER, 2013, p. 204).

<sup>41</sup>Em suas palavras: “apesar da ausência de uma ordem formalmente estatuída para ele, certas pessoas (os titulares do poder) promulgam por acordo ordenamentos eficazes para a ação dos indivíduos que, por acordo, participam da organização” (WEBER, 2018, p. 433, tradução própria) [2. trotz des Fehlens einer darauf abgezielten gesetzten Ordnung dennoch jeweils bestimmte Personen (Gewalthaber) einverständnismäßig wirksame Ordnungen für das Handeln der einverständnismäßig zum Verband gerechneten Beteiligten erlassen, wenn ferner].

<sup>42</sup> O termo *Verband* pode indicar desde uma atadura ou um curativo, até uma liga de futebol, por exemplo, ou mesmo pode sinalizar uma unidade. Trata-se de um termo utilizado em circunstâncias e situações diversas, em inúmeros sentidos. No caso da teoria de Weber é necessário recorrer à raiz do conceito para entendê-lo em sua profundidade. A raiz do termo *Verband* está no verbo *binden*, que significa estar envolvido em algo, estar unido a alguma coisa ou estar junto de algo. A partir do século 19 o termo *Verband* passou a ser utilizado com muita frequência para se referir a associações da sociedade civil, a grupos de pessoas unidas em torno de objetivos comuns (DWDS, 2022). Por isso, ao traduzir *Verband* para a língua portuguesa é necessário encontrar um termo que exprime esse sentido de pessoas unidas em torno de algo.

<sup>43</sup> O termo “união” deve ser descartado como tradução de *Verband*, pois, do ponto de vista etimológico, a palavra alemã *Verband* já perdeu o vínculo com o termo “união” (SCHMIDT, 1988).

A tradução de Parsons (1947) merece nota. Ele optou por uma tradução não literal para a *Verband* de *Grundbegriffe: corporate group*. O tradutor explicou, em uma das notas de rodapé de *WuG*, que adotou *corporate group* porque entendia que este termo exprimia melhor a diferença formal entre o chefe, o quadro administrativo e os membros. Mas essa é uma tradução que pode ser facilmente atrelada às corporações empresariais, de modo a restringir a compreensão do sentido do conceito. Na esteira da tradução parsoniana, Etcheverry ([tradução de]WEBER, 1982a) [*grupo*], Grossein (2005) [*groupement*] e Freund ([tradução de]WEBER, 1965a) [*groupement*] também optam pelo vocábulo “grupo”. Há, ainda, o caso da tradução de José Medina Echavarría *et al.* ([tradução de]WEBER, 2002b) que, conforme sinaliza Laiz (2012), transita entre várias traduções para o mesmo termo. Quando trata-se da *Herrsverband*, o autor traduz como *cuadro militar*. Em se tratando de *Familienverband*, a tradução é “grupo familiar”. Quando, por outro lado, trata-se da *staatliche Verbände*, a tradução escolhida é “estados”. Ou quando diz respeito a *Verbandsherrschaften*, a opção utilizada é *dominaciones asociativas*. A fim de evitar traduções múltiplas para o mesmo termo, preferimos manter a tradução unificada de *Verband* como “organização”.

Um tipo de organização que é contemplada em ambos os textos é a *Anstalt*<sup>44</sup>. De um texto a outro, essa noção passa por poucas modificações. Em 1913 esse termo é definido como uma união de fins que possui associação involuntário, como o Estado, por exemplo. Trata-se de um agrupamento no qual há a obrigatoriedade de participação (associação involuntária) regulamentada por meio de um estatuto racional. Em seu interior há aparato administrativo liderado pelo dominante legítimo e há um aparato coercitivo disposto a fazer valer o que está disposto no estatuto<sup>45</sup>. Em 1921, Weber inclui a delimitação territorial no interior deste conceito: “denominamos instituto uma organização cuja ordem estatuída se impõe, com (relativa) eficácia, a toda ação com determinadas características que tenha lugar dentro de determinado âmbito de vigência”<sup>46</sup> (WEBER, 2015, p. 32, tradução de Regis e Karen Barbosa, com modificações terminológicas dos presentes autores). Isso permite a Weber conceituar o Estado, por exemplo, como uma “empresa com caráter de instituto” [*Anstaltsbetrieb*]: uma organização territorial cuja ordem se impõe a todos que tenham nascido, que morem ou que usufruam de serviços em seu território, sejam estes associados ou não.

Conforme argumenta Andreas Anter (2014), o elemento jurídico permanece, em 1921, na raiz conceitual de *Anstalt* de Max Weber. As organizações de tipo *Anstalt* são, sob essa perspectiva, institutos que possuem certo grau de segurança jurídica e previsibilidade, pois estão embasados sob uma ordem racionalmente estatutária. É a

<sup>44</sup> O termo *Anstalt* pode indicar desde estabelecimentos privados (como estabelecimentos comerciais) até instituições públicas em sentido mais amplo (como instituições burocráticas ou instituições políticas). Foi a partir do século XVII, de acordo com o DWDS (2022), a palavra *Anstalt* passou a requerer um caráter mais jurídico, passando a designar especialmente as instalações da vida pública que são juridicamente reconhecidas (como instituições penais, médicas ou outras). Essa perspectiva foi abraçada por Weber, conforme já argumentamos em consonância com Andreas Anter (2014). O termo “instituição” realmente parece ser o que transmite, em língua portuguesa, o caráter formal e jurídico da *Anstalt* de Weber.

<sup>45</sup> Nas palavras de Weber (2018, p. 433, tradução própria) “assim, nem toda comunidade em que normalmente se nasce e cresce é um ‘instituto’: não são, por exemplo, nem a comunidade linguística, nem a doméstica” [Nicht jede Gemeinschaft also, in die man normalerweise hineingeboren und -erzogen wird, ist ‘Anstalt’: nicht z. B. die Sprachgemeinschaft oder die Hausgemeinschaft].

<sup>46</sup> “Anstalt soll ein Verband heißen, dessen gesatzte Ordnungen innerhalb eines angebbaren Wirkungsbereiches jedem nach bestimmten Merkmalen angebbaren Handeln (relativ) erfolgreich oktroyiert werden” (WEBER, 2013, p. 210).

ordem racionalmente instituída, aliada à atuação do quadro administrativo, o que permite à *Anstalt* atuar de maneira impositiva e impessoal sobre seus membros (que estão sob sua delimitação territorial).

Para transmitir o sentido desse conceito, a maior parte dos tradutores opta pelo termo “instituição”, dentre eles: Bruun ([tradução de]WEBER, 2014a) [*institution*], Freund ([tradução de]WEBER, 1965a) [*institution*], Etcheverry ([tradução de]WEBER, 1982a) [*institución*], Villegas *et al.* ([tradução de]WEBER, 2014c [*institución*] e Wernet ([tradução de]WEBER, 2016) [“instituição”]. A exceção da regra é Grossein (2005a), que opta por *établissement*. Utilizar a tradução “instituição” pode remontar às teorias das instituições que discute os mecanismos sociais que transcendem os indivíduos, de modo a regular seus comportamentos (como, por exemplo, o casamento, a família, a religião, as instituições educacionais, entre outros). Para evitar tais equívocos, sugerimos a tradução de *Anstalt* como “instituto”.

Outro tipo de organização presente em 1913 e em 1921 é a *Verein*: uma organização baseada no acordo mútuo firmado de maneira voluntária e “cuja ordem estatuída só pretende vigência para os membros que pessoalmente se associaram”<sup>47</sup> (WEBER, 2015, p. 32, tradução de Regis e Karen Barbosa, com modificações terminológicas realizadas pelos presentes autores). Trata-se de um acordo racional que influi exclusivamente sobre os associados, como em partidos políticos ou seitas religiosas. Ainda que as “*Vereins*” de ambos os textos sejam convergentes em muitos pontos<sup>48</sup>, em *Kategorien Weber* adjetiva-a como uma *Zweckverein*: uma ação em sociedade que é orientada em seu conteúdo de sentido pelo estatuto formalizado racionalmente com referência a fins por todos os participantes da ordem estatuída. Por isso sua tradução deve destacar o elemento da racionalidade e dos fins.

A palavra *Zweckverein* é composta pelos substantivos *der Zweck* (fim) e *der Verein* (associação/união)<sup>49</sup>. Tanto há tradutores que optam pelo vocábulo “associação” para traduzir a *Verein* – dentre os quais estão Brunn (tradução de 2014) [*rational purposive association*], Freund ([tradução de]WEBER, 1965a) [*association à but déterminé*], Grossein (2005a) [*association à but déterminé*] e Wernet ([tradução de]WEBER, 2016) [*associações de fins racional*] – quanto há autores que optam por “união” – como Etcheverry ([tradução

<sup>47</sup> “Verein soll ein vereinbarter Verband heißen, dessen gesatzte Ordnungen nur für die kraft persönlichen Eintritts Beteiligten Geltung beanspruchen” (WEBER, 2013, p. 210).

<sup>48</sup> Há claramente alguns aprimoramentos na teoria de 1921 (como a inclusão do plano prévio, de instâncias administrativas de organização), mas estes não serão pontos discutidos neste estudo.

<sup>49</sup> O termo *Verein* deve ser tratado com cautela porque ele possui uma história específica de transformações internas. Derivado do verbo *Althochdeutsch vereinen*, que significa reunir em uma unidade (zu einer Einheit), o termo *Verein* traz em si a ideia de união ou unidade. No *Mittelhochdeutsch* o termo passou a abrigar um caráter mais reflexivo, passando a ser entendido também como uni-se a algo. Desde o século 18, mas especialmente no século XIX, o conceito passou a indicar uma associação de pessoas em torno de objetivos comuns (KLUGE, 1989; DWDS, 2022).

\* Mas, como se pode constatar com a leitura desta nota de rodapé e da nota sobre o conceito de *Verband*, ainda é necessário explicitar as diferenças entre *Verein* e *Verband*, visto que ambos os conceitos são utilizados em circunstâncias semelhantes na língua alemã. Na linguagem cotidiana a *Verein* se refere a um grupo de pessoas reunidas por um interesse comum. Mas esse grupo deve possuir algum grau mínimo de hierarquia e organização interna, como uma diretoria eleita por seus membros, por exemplo. A *Verband*, por outro lado, costuma reunir pessoas jurídicas ao invés de pessoas físicas. Neste caso, não são hobbies ou interesses comuns que aglutinam as pessoas, mas o interesse econômico. Comumente a *Verein* tem um caráter mais local, enquanto a *Verband* tem atuação em nível nacional. Considerando essas informações, e os respectivos sentidos dos termos em língua portuguesa, acreditamos que a noção de “organização” exprime bem o caráter mais abrangente de atuação da *Verband*, enquanto o conceito de “união” traduz-se como um agrupamento de menor institucionalização, representando bem a noção de *Verein*.

de]WEBER, 1982a) [*unión de fines*] e Villegas *et al.* ([tradução de]WEBER, 2014c) [*unión para un fin*]. Nós sugerimos traduzir o termo *Verein* como união, pois exprime maior grau de institucionalização do que o termo associação e destaca o caráter de interesse comum dos membros, bem como de sua reunião voluntária.

O sentido e a literalidade do substantivo *Zweck* é fundamental para compreensão do sentido do termo *Zweckverein*, pois as ações no interior dessa organização, que acontecem de modo racional com referência aos fins, devem ser consideradas na tradução. As traduções francesas de Grossein (2005a, 2005b, 2016) e de Freund ([tradução de]WEBER, 1965a), que optam por *association à but déterminé*, por exemplo, não mantêm o importante sentido do substantivo *der Zweck* (fim). A tradução para a língua inglesa de Brunn (tradução de 2014), por outro lado, insere dois elementos na tradução de *Zweck* que não correspondem completamente à tradução literal: os termos *rational purposive*. Ainda que a *Zweckverein* seja efetivamente uma união de propósitos racionais, o termo “proposital” não nos parece o mais fiel ao original.

Dentre as traduções espanhola e brasileira, a que melhor exprime o sentido da expressão *Zweckverein* nos parece ser a de Etcheverry ([tradução de]WEBER, 1982a) [*unión de fines*]. Isso porque a expressão adotada por Wernet ([tradução de]WEBER, 2016) [“associações de fins racional”] inclui o termo “racional”, que não existe no original, e porque a tradução de Villegas *et al.* ([tradução de]WEBER, 2014c) [*unión para un fin*] delimita o fim ou o objetivo da união a somente um. Em vista disso, sugerimos traduzir a *Zweckverein* como “união de fins”. Assim, a definição que Weber (2018, p. 431, tradução própria) dá para a *Zweckverein* em *Kategorien* deve ser lida como “a ‘união de fins’, que está baseada no acordo expresso com relação aos meios, objetivos e regras, foi apresentada mais acima como um tipo ideal de relação societária”<sup>50</sup>.

Na teoria de *Grundbegriffe*, há um subtipo de organização novo que destaca a continuidade da atuação racional referente a fins do quadro administrativo da organização: a *Betrieb*<sup>51</sup>. José Medina Echavarria *et al.* ([tradução de]WEBER, 2002b) opta por traduzir *Betrieb* ora como *explotación*, ora como *actividad*, ora como *establecimiento*, ora como *ejercicio*, ora como *profesión* e ora como *empresa*. O termo *empresa*, aliás, é utilizado no segundo capítulo também como tradução de *Unternehmung*. Laiz (2012) sugere que a melhor alternativa para o impasse de Medina seria ter adotado *actividad* para a *Betrieb*, do capítulo primeiro de *WuG*, já que ali o conceito está em seu sentido mais amplo, e *explotación* para o terceiro capítulo, por se tratar especificamente do tema econômico. Traduzir de diferentes maneiras o mesmo termo pode ser um empecilho, pois dificulta traçar interrelações entre uma e outra utilização do mesmo conceito. É por isso que propomos uma tradução única para o termo *Betrieb* como *empresa*, um termo que nos parece retratar tanto o caráter finalístico da atividade da *Betrieb* quanto a organização formal do quadro administrativo.

<sup>50</sup> “Es wurde oben als Idealtypus der ‘Vergesellschaftung’ der auf einer ausdrücklichen Vereinbarung von Mitteln, Zwecken, Ordnungen beruhende rationale ‘Zweckverein’ hingestellt” (WEBER, 2018, p. 431).

<sup>51</sup> *Betrieb* pode ser usada como sinônimo de “empresa”, “fábrica” ou mesmo no sentido de exploração do trabalho, ou ainda para indicar um esforço profissional ou o funcionamento de uma máquina. Em todos os casos citados a ideia laboral é o pano de fundo do conceito. Inicialmente *Betrieb* era utilizado no meio rural para se referir ao espaço de pastagem dos gados. Chegando ao século XIX, o conceito passou a ser utilizado no campo das tecnologias para indicar a fonte energética do funcionamento de máquinas. Só no final do XIX é que esta noção passou a ser utilizada para indicar “empresa”, “trabalho”, “empreendimento” ou “atividade” (DWDS, 2022). E é desta noção que Weber se aproxima.

### 3 Considerações Finais

A comparação entre os escritos weberianos de 1913 e 1921, à luz da *MWG*, indica mudanças na estrutura conceitual da Sociologia Compreensiva e mudanças substantivas do conteúdo de alguns de seus conceitos que, embora possuam a mesma expressão terminológica, passaram por reformulação teórica. Mas, especialmente, a análise comparada de ambos os textos nos permitiu refletir sobre os conceitos da jovem *Kategorien*, à luz da formulação madura de *Grundbegriffe* para, assim, propormos traduções que contemplassem as especificidades conceituais do texto de 1913.

A reflexão aqui apresentada discute criticamente as traduções brasileiras dos conceitos weberianos e, embora não entendamos esse exercício crítico como tarefa acabada, não nos furtamos a propor novas sugestões de tradução. Um exercício que, aliás, intérpretes de outros idiomas (francês, espanhol e inglês, para citar os idiomas mais correntes em Sociologia) já o fizeram muito antes de nós. Para tanto, levamos em consideração dois critérios principais: traduções que considerem tanto o sentido dos termos no idioma original, quanto seus respectivos significados em nosso idioma, e, ainda, que expressem o sentido do conceito no interior da estrutura conceitual de *Kategorien* e de *Grundbegriffe*.

Traduzir textos de autores clássicos, especialmente textos que possuem marés de interpretações de longas décadas, é, sem dúvida, uma tarefa desafiadora. Além de compreender o conteúdo conceitual dos termos centrais, manter a intenção autoral e fazer uma tradução cabal com o idioma, conforme propõe Laiz (2012), é importante vislumbrar as traduções canonizadas disponíveis em variados idiomas e manter uma tradução unívoca para conceitos que aparecem em diferentes textos do mesmo autor. Já era hora deste desafio ser enfrentado na língua portuguesa, especialmente com vistas à publicação crítica da *MWG*.

### Referências

- ALBERT, Gert. Moderater metodologischer Holismus: eine weberianische Interpretation des Makro-Mikro-Makro Modells. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Wiesbaden, v. 57, n.3, p. 387-413, 2005. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s11577-005-0182-9.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- ANTER, Andreas. *Max Weber's theory of modern state*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2014.
- BASSO, Michele. Potere tradurre: un confronto con la traduzione weberiana. *Filosofia Política*, Porto Alegre, n. 2, 2012.
- BENDIX, Reinhard. *Max Weber: an intellectual portrait*. Londres: Routledge, 1998.
- BENDIX, Reinhard. *Max Weber: um perfil intelectual*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.
- BOLDA, Bruna dos Santos. *A elaboração da sociologia de Max Weber ficou mais compreensível?: análise comparativa do esquema conceitual de sobre algumas categorias da sociologia compreensiva (1913) e conceitos sociológicos fundamentais (1921)*. 2020. 197 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216256/PSOP0677-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- BOLDA, Bruna dos Santos. Continuidades e transformações da teoria da ação de Max Weber entre 1913 e 1921. *Revista Sociologias Plurais*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 16-35, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/71023/40186>. Acesso em: 25 ago. 2022.

- DWDS – Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache. *Der deutsche Wortschatz von 1600 bis heute*. Berlin: Berlin-Brandenburgischen Akademie der Wissenschaften. Disponível em: <https://www.dwds.de/d/wb-dwdsweb>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- ELSTER, Jon. Some unresolved problems in the theory of rational behaviour. *Acta Sociologica*, [s. l.], v. 36, n. 3, p. 179-190, 1993.
- FITZI, Gregor. Un problema linguistico-concettuale nelle traduzioni di Weber: "Comunità". *Filosofia Política*, v. 2, n. 8, 1994.
- GREVE, Jens. *Reduktiver Individualismus: zum Programm und zur Rechtfertigung einer sozialtheoretischen Grundposition*. Opladen: Springer VS, 2015.
- GROSSEIN, Jean-Pierre. De l'interprétation de quelques concepts wébériens. *Revue Française de Sociologie*, Paris, v. 46, n. 4, p. 685-721, 2005a. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-sociologie-1-2005-4-page-685.htm>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- GROSSEIN, Jean-Pierre. Leçon de méthode wébérienne. In: WEBER, Max. *Concepts fondamentaux de sociologie*. Paris: Gallimard, 2016.
- GROSSEIN, Jean-Pierre. Max Weber "à la française"? De la nécessité d'une critique des traductions. *Revue Française de Sociologie*, Paris, v. 46, n. 4, p. 883-904, 2005b. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-sociologie-1-2005-4-page-883.htm>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- HABERMAS, Jürgen. *Theorie des kommunikativen Handelns*. Frankfurt: Suhrkamp, 1981. 2 v.
- HANKE, Edith. A obra completa de Max Weber – MWG: um retrato. *Tempo Social*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 99-118, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/48861/52936>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- HANKE, Edith; HÜBINGER, Gangolf; SCHWENTKER, Wolfgang. The Genesis of the Max Weber-Gesamtausgabe and the Contribution of Wolfgang J. Mommsen. *Max Weber Studies*, London, v. 12, n. 1, p. 59-94, 2012.
- KLUGE, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. Berlin: Walter der Gruyter, 1989.
- LAIZ, Álvaro Morcillo. Aviso a los navegantes: la traducción al español de "economía y sociedad" de Max Weber. *Estudios Sociológicos*, Ciudad de México, v. 30, n. 90, p. 609-640 2012. Disponível em: <https://estudiossociologicos.colmex.mx/index.php/es/article/view/87/87>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- LANGENSCHIEDT: universal-Wörterbuch. Berlin: Langenscheidt, 1983.
- LICHTBLAU, Klaus. Vergemeinschaftung and Vergesellschaftung in Max Weber: A reconstruction of his linguistic usage. *History of European Ideas*, Oxford, v. 4, n. 37, p. 454-465, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.histeuroideas.2011.01.001>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- ORDNUNG. In: Langenscheidt: universal-Wörterbuch. Berlin: Langenscheidt, 1983.
- PARSONS, Talcott. *A estrutura da ação social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- PARSONS, Talcott. The institutionalization of authority. In: WEBER, Max. *The theory of social and economic organization*. Nova York: Oxford University Press, 1947.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Economia e sociedade: últimos achados sobre a "grande obra" de Max Weber. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 23, n. 68, p. 41-51, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000300004>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. *Handlung, Ordnung und Kultur*. Heidelberg: Mohr Siebeck, 2005.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. *Max Weber Später Soziologie*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2016.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. Max Webers Beitrag zum "Grundriß der Sozialökonomik": Titelzusatz: Editionsprobleme und Editionsstrategien. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Wiesbaden, v. 50, n. 2, 1998.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. Os conceitos sociológicos fundamentais: a fundamentação da sociologia compreensiva de Max Weber. In: SCHLUCHTER, Wolfgang. *O desencantamento do mundo: seis estudos sobre Max Weber*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

- SCHMIDT, Reinhard. Premessa terminologica: Terminologisches Vorwort. *Annali di sociologia: Soziologisches Jahrbuch*, Trento, v. 2, n. 9, 1993.
- SCHMIDT, Reinhard. Problemi lessicali nella traduzione delle opere di Max Weber. *Studi dell'Istituto linguistico della Facoltà di Economia e Commercio*, [s. l.], v. 2, n. 4, 1988.
- SCHMIDT, Reinhard. Tradurre senza tradire: la traduzione italiana di Economia e società di Max Weber. *Studi perugini*, [s. l.], v. 2, n. 1, 1996.
- SELL, Carlos Eduardo. Sociologia compreensiva e controvérsia sobre os valores escritos e alocações: 1908-1917. *Tempo Social*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 321-334, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/144443/148949>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- TENBRUCK, Friedrich. Abschied von Wirtschaft und Gesellschaft. *Zeitschrift für die gesamte Staatswissenschaft*, Tübingen, v. 4, n. 133, p. 703-736, 1977.
- TÖNNIES, Ferdinand. *Gemeinschaft und Gesellschaft: Abhandlung des Communismus und des Socialismus als empirischer Culturformen*. Leipzig: Fues, 1887.
- TRIBE, Keith. Introduction to Max Weber's Economy and Society. In: WEBER, Max. *Economy and society*. Tradução Keith Tribe. Cambridge: Harvard University Express, 2019.
- WEBER, Max. Basic sociological concepts. In: WEBER, Max. *Economy and society*. Cambridge: Harvard University Express, 2019a.
- WEBER, Max. Basic sociological terms. In: WEBER, Max. *Economy and society*. Berkeley: University of California Press, 1968a.
- WEBER, Max. *Collected methodological writing*. Tradução Hans Henrik Bruun. Nova York: Routledge, 2014a.
- WEBER, Max. Conceitos sociológicos fundamentais. In: WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Vol. 1. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora UnB, 2015a[1921], p. 3-35.
- WEBER, Max. Conceptos sociológicos fundamentales. In: WEBER, Max. *Economía y sociedad*. México: FCE, 2002a.
- WEBER, Max. Conceptos sociológicos fundamentales. In: WEBER, Max. *Economía y sociedad*. México: FCE, 2014b.
- WEBER, Max. *Economia e Società Comunità*. Tradução Massimo Palma. Roma: Donzelli, 2005.
- WEBER, Max. *Economia e Società*. Tradução Pietro Rossi et al. Milão: Edizioni di Comunità, 1961.
- WEBER, Max. *Economia y sociedad*. Tradução Francisco Gil Villegas et al. 3. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2014c.
- WEBER, Max. *Economía y sociedad: Esbozo de Sociología Compreensiva*. Tradução José Medina Echavarría et al. México: Fondo de Cultura Económica, 2002b.
- WEBER, Max. *Économie et société: les catégories de la Sociologie*. Tradução Julien Freund, Pierre Kamnitzer, Pierre Bertrand, Eric de Dampierre, Jean Maillard e Jacques Chavy. Paris: Librairie Plon, 1971a.
- WEBER, Max. *Economy and society*. Tradução Guenther Roth e Claus Wittich. Berkeley: University of California Press, 1968b.
- WEBER, Max. *Economy and society*. Tradução Keith Tribe. Cambridge: Harvard University Express, 2019b.
- WEBER, Max. *Ensayos sobre metodología sociológica*. Tradução José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1982a.
- WEBER, Max. *Essais sur la théorie de la science*. Tradução Julien Freund. Paris: Librairie Plon, 1965a.
- WEBER, Max. Les concepts fondamentaux de la sociologie. In: WEBER, Max. *Économie et société*. Paris: Librairie Plon, 1971b.
- WEBER, Max. On some categories of Interpretative Sociology. In: WEBER, Max. *Collected methodological writing*. Nova York: Routledge, 2014d.

WEBER, Max. Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva. *In*: WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. Tradução Augustin Wernet. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora Unicamp, 2016[1913], p. 491-542.

WEBER, Max. Sobre algunas categorías de la sociología compreensiva. *In*: WEBER, Max. *Economía y sociedad*. 3ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2014e.

WEBER, Max. Sobre algunas categorías de la sociología compreensiva. *In*: WEBER, Max. *Ensayos sobre metodología sociológica*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1982b.

WEBER, Max. *Verstehende Soziologie und Werturteilsfreiheit: Schriften und Reden (1908-1917)*. Organizado por Johannes Weiss e Sabine Frommer. Tübingen: Mohr Siebeck, 2018. v 1.

WEBER, Max. *Wirtschaft und Gesellschaft: Soziologie (1919-1920)*. Organizado por Knut Borchardt, Edith Hanke e Wolfgang Schluchter. Tübingen: Mohr Siebeck, 2013. v 1.

WEBER, Max: Essai sur quelques catégories de la sociologie compréhensive. *In*: WEBER, Max. *Essais sur la théorie de la science*. Paris: Librairie Plon, 1965b.

**Declaração de Co-Autoria:** Carlos Eduardo Sell e Bruna dos Santos Bolda declaram a participação de ambos na elaboração de todo o documento: concepção da pesquisa, levantamento bibliográfico e redação do texto.

\*Minicurrículo do/as Autore/as:

**Carlos Eduardo Sell.** Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004). Docente junto ao Departamento e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisa financiada pelo CNPq (Processo nº 311320/2020-1). E-mail: carlos.sell@ufsc.br.

**Bruna dos Santos Bolda.** Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (2020). Doutoranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisa financiada pelo CNPq (Processo nº 131839/2018-7). E-mail: bruna.bolda@hotmail.com.